

## INGLÊS OU ESPANHOL? QUAIS OS FATORES QUE OS ALUNOS PRIVILEGIAM NA ESCOLHA DE UMA LÍNGUA PARA O ENEM?

English or Spanish? What are the factors that students privilege in choosing a language for ENEM?

**Marinês MENDES<sup>1</sup>**  
*Marcus Antonius da Costa NUNES<sup>2</sup>*

### RESUMO

Este artigo objetiva investigar a preferência pela língua estrangeira (inglês ou espanhol) no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) dos alunos concluintes da EEEM “Emir de Macedo Gomes” de Linhares- ES, e os fatores que os levaram a essa predileção. Para tal fim, realizamos pesquisa de campo, utilizando o questionário como instrumento de coleta de dados. O artigo aborda a importância do ensino das línguas estrangeiras na escola, em seguida, a inclusão delas no ENEM, e, por fim, apresenta os resultados da pesquisa. Os dados indicam que, apesar de os alunos estudarem o inglês desde o ensino fundamental II e o espanhol apenas no último ano do ensino médio, a maioria dos estudantes, 66%, opta pelo espanhol para a realização do exame. Dentre os vários motivos, eles afirmam conseguir ler e interpretar textos nesse idioma com mais facilidade mesmo com a reduzida carga horária destinada ao estudo da disciplina.

**Palavras-chave:** ENEM. Ensino de Línguas Estrangeiras. Fatores para a escolha da língua estrangeira.

### ABSTRACT

English or Spanish? What are the factors that students privilege in choosing a language for ENEM? This article aims to investigate the preference for the foreign language (English or Spanish) in the National High School Examination (ENEM) of the final EEE students "Emir de Macedo Gomes" of Linhares-ES, and the factors that led them to this predilection. To this end, we conducted field research using the questionnaire as a data collection instrument. The article addresses the importance of teaching foreign languages in school, then the inclusion of them in ENEM, and; finally presents the results of this research. The data indicate that, although students have studied English since elementary school II and Spanish only in the last year of high school, the majority of students, 66%, opt for Spanish to take the exam. Among the various reasons, they claim to be able to read and interpret texts in that language even more easily, even with the reduced workload devoted to the study of the discipline.

**Key words:** ENEM. Factors for choosing the foreign language. Teaching of foreign languages.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré.  
marinesmendes12@hotmail.com

<sup>2</sup> Prof. Dr da Faculdade Vale do Cricaré.  
marcaonunes@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

É inegável o relevante papel educativo do ensino da língua estrangeira no ambiente escolar no que tange ao desenvolvimento sócio e intercultural do aluno. No entanto, é possível perceber que toda a trajetória histórica do ensino da língua foi um período de grandes discussões, alguns avanços em termos de oferta e implementação, mas também de retrocessos e silenciamentos. Só a partir de 2010, por exemplo, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) passou a cobrar questões específicas de inglês ou espanhol na prova, o que proporcionou grande impacto no contexto educacional.

Nesse sentido, esta pesquisa investiga a preferência pela língua estrangeira no ENEM, dos alunos concluintes da EEEM “Emir de Macedo Gomes” de Linhares-ES, e os motivos que os levam a essa predileção. A relevância do estudo se justifica pelo fato de se obter uma análise “mais real” segundo a visão do aprendiz de língua estrangeira, uma vez que devido às mudanças ocorridas no currículo escolar do ensino médio, a oferta do inglês e do espanhol passou a ser lecionada com carga horária diferente, o que leva à reflexão de como o tempo de estudo da língua na escola pode influenciar na escolha para a realização do exame.

Os resultados desta pesquisa poderão ser usados como norteadores de ações que visem a uma melhor prática de ensino das línguas inglesa e espanhola na instituição escolar, contribuindo para o desenvolvimento plural do aluno a partir da aquisição de uma nova língua, tendo em vista uma reflexão baseada em uma perspectiva enunciativa discursiva, de maneira que os alunos sejam colocados no diálogo, tendo o que dizer e a quem dizer em língua estrangeira.

A metodologia é descritiva e os dados foram obtidos por meio da pesquisa de campo. Como instrumento para coleta de dados foi utilizado o questionário constituído de questões fechadas aplicado a todos os alunos concluintes do ensino médio dos turnos matutino e vespertino da EEEM “Emir de Macedo Gomes” de Linhares- ES.

Assim, o artigo aborda, primeiramente, a importância do ensino das línguas estrangeiras na escola, de acordo com as orientações dos documentos oficiais referentes a esse ensino, em seguida, a inserção das línguas estrangeiras modernas no ENEM e, por fim, apresenta os resultados da pesquisa.

## A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NA ESCOLA

O aprendizado de uma segunda língua é mais do que estudar um “idioma”, pois significa possibilitar ao aluno que ele aprecie as diferenças de cultura, aprenda a respeitar a diversidade existente e desenvolva o cognitivo por meio das interações comunicativas.

Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) afirmam que “através da ampliação da competência sociolinguística quanto da competência comunicativa, é possível ter acesso, de forma rápida, fácil e eficaz a informações bastante diversificadas” (BRASIL, 2002, p. 152).

Também Vygotsky (2002) coaduna com esse conceito ao referir-se como principal função da linguagem a comunicação e o intercâmbio social. Em seu sentido literal, intercâmbio significa troca, estabelecimento e relações recíprocas, de ordem cultural.

Nessa perspectiva, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), lei nº 9394/96, estabelece que

§ 4º Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino (BRASIL, 1996).

Tal obrigatoriedade se deve à concepção da língua inglesa como língua de uso mundial, pela multiplicidade e variedade de usos, usuários e funções na contemporaneidade.

Ainda em processo de implementação, a Base Nacional Curricular Comum para o Ensino Médio (BNCC) orienta que nessa etapa escolar, faz-se necessário “expandir os repertórios linguísticos, multissemióticos e culturais dos estudantes” (BRASIL, 2017, p. 52), possibilitando dessa forma, o desenvolvimento de maior consciência e reflexão crítica das funções e usos do inglês na sociedade contemporânea.

O espanhol, por sua vez, é a língua oficial de 21 países e a terceira língua mais falada na *internet*. A trajetória de ensino desse idioma foi marcada por avanços e retrocessos, contudo um marco importante foi a sanção da Lei do Espanhol, a Lei nº 11.161, de 05 de agosto de 2005, a qual instituiu a oferta obrigatória de língua espanhola nos currículos do ensino médio e de cunho facultativo no ensino fundamental.

Alguns fatores foram determinantes para essa aprovação, tais como as situações econômicas, sociais e políticas ocorridas no país; o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) que foi estabelecido em 1991 pelo tratado de assunção, cujo principal objetivo é abrir caminhos para a constituição de um mercado comum entre os países membros (Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai); e, além disso, a amplitude continental do Brasil que faz divisa em toda sua porção ocidental com países de Língua Espanhola. Portanto, nota-se a necessidade de um idioma comum que facilite as relações tanto comerciais quanto culturais.

Embora o ensino da língua espanhola nas escolas públicas do Brasil não seja considerado mais disciplina obrigatória segundo a Lei nº 13.415/2017, fazem-se necessários estudos e reflexões acerca do ensino desse idioma, uma vez que algumas instituições educacionais ainda a mantém no currículo escolar no último ano do ensino médio.

No contexto do ensino de língua estrangeira, a proximidade do português e a “*língua de Cervantes*”, além da semelhança com a língua materna motiva o aluno desde o primeiro contato, com o ensino do espanhol, a nova língua, como declara Junger (2005, p. 44):

Os pontos de contato (léxico e estruturas morfossintáticas) entre o espanhol e português favorecem também uma aproximação mais imediata ao idioma estrangeiro por parte de nossos alunos, permitindo desde muito cedo o acesso a textos retirados de documentos de uso cotidiano de hispano-falantes, com certo grau de complexidade. Isso pode gerar com frequência uma motivação extra para os aprendizes, que conseguem “fazer coisas” com a língua aprendida ainda em estágios iniciais da aprendizagem.

Mesmo com a revogação da Lei nº 11.161/05, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) norteiam o papel do ensino da língua estrangeira moderna – Espanhol até hoje, afirmando que

o ensino da língua estrangeira, reiteramos, não pode nem ser nem ter um fim em si mesmo, mas precisa interagir com outras disciplinas, encontrar interdependências, convergências, de modo a que se restabeleçam as ligações de nossa realidade complexa que os olhares simplificadores tentaram desfazer; precisa, enfim, ocupar um papel diferenciado na construção coletiva do conhecimento e na formação do cidadão (BRASIL, 2006, p. 131).

Bagno (2002) fala sobre essa formação do cidadão capaz de se expressar tanto de forma oral ou por escrito, para se inserir na sociedade a fim de ajudar em sua construção e transformá-la, ao que ele denomina o oferecimento de uma verdadeira “educação linguística”.

Para Bakhtin (2006, p.119) “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não ao sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual do falante”, ou seja, os dois autores apontam a língua como atividade social. Entretanto, seja qual língua estrangeira for estudada, não basta tão somente oferecê-la no currículo escolar, é necessário

primar por seu ensino com qualidade, oferecendo subsídios para sua prática efetiva.

O Currículo Básico Estadual diz que, a aprendizagem dos alunos é o melhor meio de avaliar a qualidade do ensino, e é essa avaliação que dirá se o aluno está ou não aprendendo, classificando portanto, se a escola é boa ou ruim (ESPÍRITO SANTO, 2009).

Carvalho e Netto (1994) coadunam sobre o fazer pedagógico do professor que deve centralizar-se no aluno, pois são as motivações e interesse dele que darão sentido ao conhecimento. Em suas abordagens sobre o professor de línguas estrangeiras, Leffa (2008, p.129) afirma que

A inovação exige por parte do professor e dos alunos uma atitude de contínua aprendizagem. O novo só pode florescer se a mente estiver isenta de crenças, ideologias, dogmas restritivos. O sistema de crenças faz o filtro de nossa aprendizagem e de nosso ensino.

Moran (2007, p. 4), por sua vez destaca ainda, que o professor é aquele que “[...] procura ajudar a contextualizar, a ampliar o universo alcançado pelos alunos, a problematizar, a descobrir novos significados, no conjunto das informações trazidas”.

Aluno e professor constituem, portanto, sujeitos importantes da ação educativa no processo de ensino aprendizagem de língua estrangeira. O diálogo constante de ambos numa comunidade escolar que conceba a prática cotidiana como objeto de reflexão permanente proporciona um caminho profícuo para a educação.

## **A INSERÇÃO DAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NO ENEM**

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e Ministério da Educação (MEC). Ele foi aplicado pela primeira vez em 1998 com o objetivo de avaliar o desempenho escolar e acadêmico ao fim do Ensino Médio. No entanto, em 2010, o exame foi reformulado a fim de que se tornasse um exame de entrada em diversas universidades federais, além de ser utilizado como processo seletivo para a concessão de bolsas de estudos em instituições privadas de ensino superior. Para Blanco (2013) ao se tornar um exame de entrada, o ENEM não deixou de ter um papel de exame de rendimento externo. Contudo, com o propósito de exame de entrada ganhou-se mais relevância e impactou diretamente nos examinandos.

A Matriz de Referência para o ENEM, consiste num documento que lista os Conteúdos Programáticos desse exame, ou seja, os objetos de conhecimento. Além disso, a matriz descreve os eixos cognitivos ou competências e habilidades exigidas pelos alunos comuns a todas as áreas de conhecimento tais como dominar linguagens, compreender fenômenos, enfrentar situações problemas, construir argumentação e elaborar propostas.

Com a reformulação do ENEM em 2010, foram incluídas no exame cinco questões de língua estrangeira (inglês ou espanhol) escolhida pelo aluno no ato da inscrição.

No que tange à competência relacionada ao conhecimento e uso da(s) língua (s) estrangeira (s) moderna(s) (LEM) como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais, quatro habilidades cognitivas são mencionadas a fim de avaliar a capacidade do aluno referente a

associar vocábulos e expressões de um texto em LEM ao seu tema; utilizar os conhecimentos da LEM e de seus mecanismos como meio de ampliar as possibilidades de acesso a informações, tecnologias e culturas; relacionar um texto em LEM às estruturas linguísticas, sua função e seu uso social; reconhecer a importância da produção cultural em LEM como representação da diversidade cultural e linguística (BRASIL, 2009, p.2).

Correlacionado a essas habilidades, normalmente nas provas de línguas estrangeiras no ENEM, a gramática aparece como suporte, uma vez que é priorizada a interpretação de gêneros textuais

diversificados que abordam conteúdo social ou cultural.

A inserção das línguas estrangeiras num exame de alta relevância, conforme revisões de literatura, impactou e provocou mudanças nas práticas educativas na sala de aula de professores e alunos. Atitudes são tomadas em função do exame, professores de língua estrangeira passaram a fazer releituras dos documentos oficiais; por exemplo, os objetivos das disciplinas se alteraram e a utilização de materiais didáticos voltados para o trabalho com diferentes gêneros textuais passou a fazer parte do cotidiano nas aulas de línguas inglesa e espanhola.

Sobre esse impacto do ENEM nos examinandos e educadores, Blanco (2013) em suas pesquisas também afirma que, muitas vezes os professores sentem a necessidade de trabalhar de acordo com esses exames mesmo contra sua vontade e crenças. Entretanto, se o desenvolvimento do ensino se volta muito para o preparo do aluno para a prova, torna-se um treinamento e isso não é desejável. Por outro lado, se os alunos apresentarem um baixo rendimento, afetará de certa forma o educador que certamente fará uma reflexão sobre a própria prática educativa e sobre sua responsabilidade nesse empenho.

Percebe-se que com esse novo contexto, o professor de língua estrangeira lida diariamente com vários velhos e novos desafios. Dentre eles, destacam-se a carga horária limitada que é destinada à disciplina considerada insuficiente por professores e alunos para uma aprendizagem eficaz, e, principalmente, as adequações metodológicas com o intuito de garantir essa aprendizagem.

Logo, há uma recorrente preocupação para que o ensino da língua estrangeira seja compreendido num contexto social de acordo com a realidade do educando e não como um processo mecânico baseado em avaliações padronizadas.

## **METODOLOGIA**

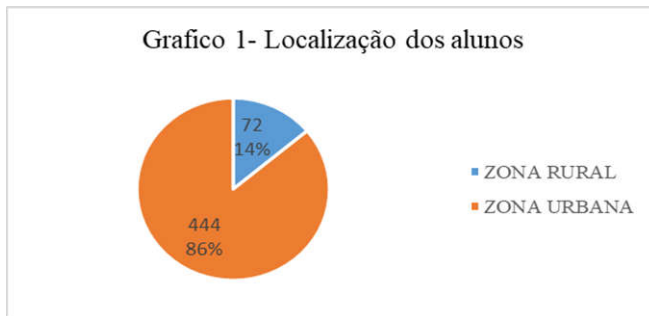
Para se investigar quais os fatores que os alunos concluintes do ensino médio da rede pública estadual de Linhares-ES privilegiam na escolha de uma língua estrangeira (Inglês ou Espanhol) para o ENEM, foi selecionada a EEEM “Emir de Macedo Gomes” por ser esta a maior escola de ensino médio em número de alunos situada nesse município. A escola possui 1.885 alunos matriculados e funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno. Oferece o ensino médio regular com 1796 alunos, e o ensino médio integrado com 89 alunos. A população investigada foram os alunos do 3º ano do ensino médio regular e integrado totalizando 555 alunos dos turnos matutino e vespertino da escola, uma vez que somente nesses turnos são ofertadas as duas disciplinas de Línguas Inglesa e Espanhola.

O estudo se desenvolveu de forma descritiva. Gil (2010, p. 28) afirma que as pesquisas descritivas “[...] têm por objetivo levantar opiniões, atitudes e crenças de uma população.”

Para tal fim, foi realizada uma pesquisa de campo que ocorreu nos dias 30 e 31 de julho de 2018. Como instrumento para coleta de dados, foi utilizada a aplicação de um questionário com questões fechadas e somente duas questões abertas, sendo o pré-teste aplicado a 0,39% da amostra, cuja escolha se deu aleatoriamente, correspondendo a 2 alunos que foram desconsiderados no dia da pesquisa definitiva. Foram investigados todos os educandos que estavam presentes na sala de aula no dia em que ocorreu a pesquisa, equivalendo a 516 alunos, ou seja, uma amostra de 92,97% da população.

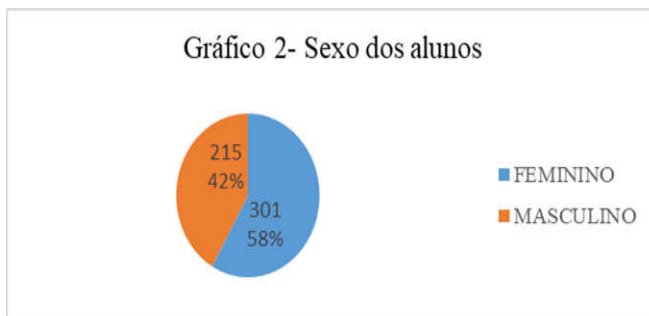
## **RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Em relação ao perfil dos alunos concluintes do ensino médio da EEEM “Emir de Macedo Gomes” de Linhares-ES, os dados indicam que a maioria reside na zona urbana, correspondendo a 86% deles, e apenas 14% reside na zona rural, conforme gráfico 1.



Fonte: elaborado pela autora.

Quanto ao sexo, a maioria, 58% dos alunos, corresponde ao sexo feminino, apenas 42% deles é do sexo masculino, conforme gráfico 2.



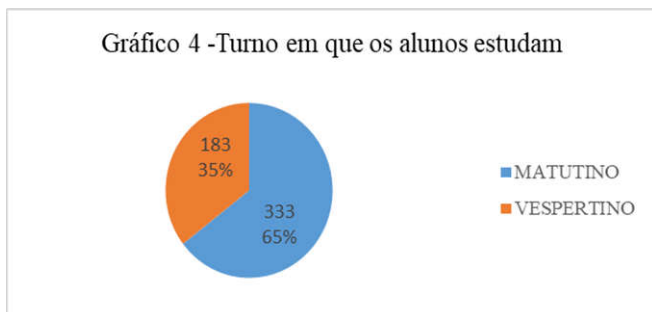
Fonte: elaborado pela autora.

No tocante à idade dos alunos, 61% deles possuem até 17 anos e 39% têm 18 anos ou mais. Verifica-se portanto, que a maioria dos alunos está concluindo o ensino médio na idade correta, de acordo com o gráfico 3.



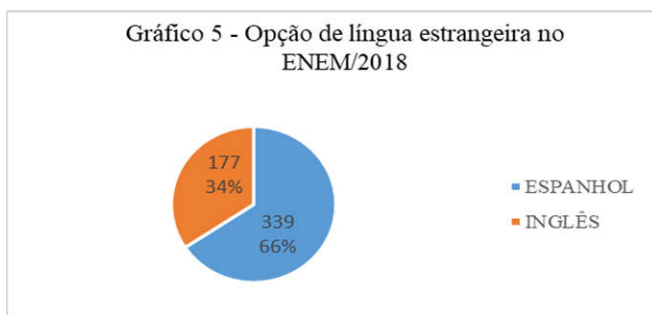
Fonte: elaborado pela autora.

Quanto ao turno em que os alunos estudam, 65% deles estudam no turno matutino correspondendo a 10 turmas, e 35% no turno vespertino, correspondendo a 5 turmas, conforme gráfico 4.



Fonte: elaborado pela autora.

Quando questionados sobre a opção de língua estrangeira no ENEM, 34% optaram pelo Inglês e 66% dos alunos preferiram o Espanhol de acordo com o gráfico 5.



Fonte: elaborado pela autora.

Percebe-se que embora tendo estudado o Inglês durante sete anos na escola regular, a maioria dos estudantes escolheu fazer a prova de espanhol no exame, o que demonstra que eles não se sentiram confiantes ou seguros mesmo com os anos de estudos dedicados à língua inglesa.

Esse dado coletado foi relevante nessa pesquisa, uma vez que nesse contexto escolar os alunos só cursam a disciplina Língua Espanhola apenas no último ano do ensino médio e muitos deles sequer tiveram contato com o ensino desse idioma no ensino fundamental. Sobre esse fato,

podemos perceber que os objetivos quando nos referimos à aprendizagem de uma língua estrangeira por parte dos alunos são os mais variados e a atitude de adoração normalmente não se apresenta com tanta frequência. Afetivamente, os alunos reagem à aprendizagem da língua estrangeira de formas diferentes e muitas vezes com medo e receio (BARBOZA, 2009, p.3).

No que tange aos fatores que os alunos privilegiam na escolha da língua estrangeira no ENEM, a questão permitia que os participantes assinalassem mais de um motivo que justificasse a opção.

Assim, dentre os 177 alunos que optaram pelo inglês no exame, 53 deles responderam que consideram a aprendizagem desse idioma prazeroso, o que facilita o processo de ensino-aprendizagem; 12 assinalaram que a metodologia de ensino usada pelo professor influenciou na escolha; 100 afirmaram ler e interpretar textos com mais facilidade; 27 apreciam a cultura; 116 informaram ter contato com a língua por meio de diálogos, filmes, músicas e outros; 78 consideram a língua importante para o futuro profissional; 115 gostam da língua inglesa; 57 afirmaram fazer ou já ter feito curso desse idioma; e, por fim, 64 estudantes consideraram o inglês uma língua fácil de acordo com os dados demonstrados no gráfico 6.



Fonte: elaborado pela autora.

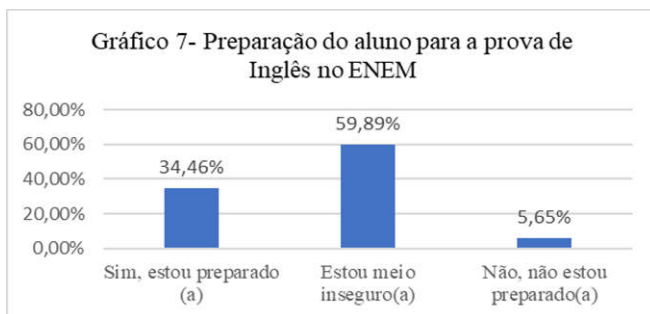
No que se refere aos alunos que preferiram o espanhol como língua estrangeira no ENEM, observa-se que o quesito “Ler e interpretar textos com mais facilidade” destaca-se como o principal fator para a escolha do referido idioma, já que dos 339 alunos que optaram por essa língua 236 afirmam ter tal habilidade.

Também é válido ressaltar que 178 alunos consideram a aprendizagem da língua espanhola prazerosa e agradável e 218 participantes veem o espanhol como língua fácil. Por outro lado, ao comparar entre os dois idiomas a quantidade de alunos que fazem ou fizeram curso relacionado à língua ou mantêm contato com ela por meio de outros recursos, em espanhol o número é bem menor, conforme mostra o referido gráfico.

Leffa (2016) relata alguns estudos desenvolvidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pelo *British Council*, acerca da desenvoltura dos brasileiros na língua inglesa, que apontam os níveis de proficiência como um dos mais baixos do mundo. Embora a maioria dos brasileiros com idade entre 18 e 50 anos tenham estudado inglês na escola, menos de 1% consegue utilizá-lo fluentemente.

Segundo pesquisas, os problemas do ensino das línguas estrangeiras estão relacionados à redução da carga horária, às classes numerosas e às metodologias ultrapassadas que desanimam os alunos. Almeida Filho (2003, p. 29-31) declara que “o ensino regular de língua nas escolas produz resultados menores do que as expectativas do público e muito menores do que os especialistas cogitam.”

Quando perguntados como se sentem e se estão preparados para responder com êxito as questões de Inglês do ENEM, 34,46% dos alunos responderam que sim, estão preparados; 59,89% deles afirmaram estar meio inseguros e; 5,65% declararam que não se sentem preparados para realizarem com sucesso as referidas questões do exame, conforme o gráfico 7.



Fonte: elaborado pela autora.

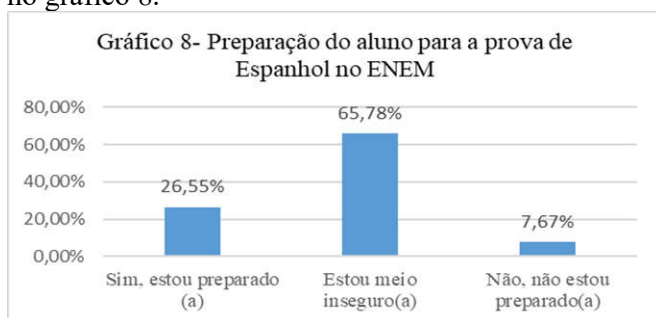
Considerando o tempo de estudo da Língua Inglesa nas escolas públicas, o índice de participantes inseguros para fazerem uma prova que exige habilidades de leitura e interpretação,



ainda é expressivo. Dentre os problemas no ensino do inglês que ora foram mencionados aqui, Perin (2005, p. 151) acrescenta que esse ensino parece causar uma “sensação de não progressão e continuidade dos conteúdos” e de “se estar sempre ensinando e aprendendo a mesma coisa.”

Os alunos aprendem o idioma, mas não avançam, isso pode estar relacionado ao fato de os alunos não se sentirem confiantes para a escolha do inglês no ENEM e optarem pelo espanhol como idioma estrangeiro devido a este aproximar-se mais da língua portuguesa, por ser um idioma neolatino.

Quanto aos alunos que optaram pela língua espanhola, 26,55% afirmaram que estão preparados para responderem com êxito às questões; 65,78% declararam que se sentem meio inseguros, e 7,67% responderam que não estão preparados para o exame, de acordo com os dados demonstrados no gráfico 8.



Fonte: elaborado pela autora.

Por meio dos dados, verifica-se que há um número relevante de alunos que opta pelo espanhol no ENEM, bem como um alto índice dos que se sentem inseguros para a realização do exame. Alguns autores declaram e pesquisas confirmam que a opção pela língua espanhola se deve à expectativa de facilidade de comunicação e aprendizagem desse idioma, além disso há a crença de que por ser “uma língua fácil” ela não exigirá muito estudo, visão essa que resulta frequentemente em dados insatisfatórios.

Um aspecto importante que acentua essa insegurança dos discentes em relação ao idioma é a baixa carga horária para a disciplina determinada pelo sistema. Esse entrave contribui, de certo modo, para a insuficiência da ministração das aulas, afinal conteúdos importantes deixam de ser trabalhados.

Sobre essa realidade, Leffa (2011) denomina como um dos ‘bodes expiatórios’ para esse fracasso escolar o governo, por instituir leis que limitam o acesso à língua estrangeira na escola pública e por não oportunizar um ensino de qualidade, devido principalmente à reduzida carga horária destinada ao ensino das línguas. Segundo Oliveira (2011, p. 84),

criar leis e regulamentações para reger o sistema público de ensino e não prover meios para que a lei se concretize é adotar uma política do fingimento. Descreve-se no papel a realidade desejável, perpetra-se legal e verbalmente um futuro por fazer-se, mas cruzam-se os braços e faz-se de conta que o verbo se fará carne espontaneamente.

Isso quer dizer que o governo cria as leis, no entanto não proporciona garantia de qualidade no ensino de línguas estrangeiras na sociedade.

No que concerne à pergunta aberta dirigida aos alunos acerca da relevância de estudar uma língua estrangeira na escola, independentemente da língua escolhida para a realização do ENEM, todos os aprendizes consideram o estudo de suma importância.

No que tange à carga horária destinada às disciplinas, a maioria, 85% dos participantes, concorda ser insuficiente para a aprendizagem a quantidade de aulas ofertadas tanto de Língua

Inglesa quanto de Língua Espanhola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino e, principalmente, a aprendizagem de uma língua estrangeira na escola pública é primordial. Tendo em vista o aluno, considerado o centro do processo educativo, este artigo objetivou a aquisição de conhecimento sobre os motivos que conduzem os alunos concluintes do ensino médio da EEEM “Emir de Macedo Gomes” de Linhares – ES à escolha da língua estrangeira (inglês ou espanhol) no ENEM.

Percebemos que os resultados obtidos demonstram que apesar de os alunos estudarem o inglês desde o ensino fundamental II, a maioria deles não opta por essa língua para realizarem o exame, pois não se sentem confiantes para tal.

A principal razão para a escolha do espanhol no ENEM se dá devido ao fato de os educandos lerem e interpretarem textos nesse idioma com mais facilidade, uma vez que há a proximidade linguística entre a língua portuguesa e a língua espanhola.

Contudo, o índice de insegurança dos alunos para fazerem a prova constitui um dado expressivo, o que nos leva à reflexão, pois se há uma preferência frequente por parte dos educandos pela língua espanhola nessa instituição, é essencial que haja real conscientização e mobilização conjunta entre governo e comunidade escolar para que o processo de ensino e aprendizagem de Espanhol em escolas públicas obtenha êxito e logre melhorias.

A inclusão do Espanhol desde o ensino fundamental ou pelo menos a oferta da disciplina durante todo o ensino médio proporcionaria ao aluno maior conhecimento da língua, ou seja, uma maior “bagagem” linguística e cultural. Portanto, o ensino de línguas estrangeiras deve ser valorizado e faz-se necessário investir em melhorias constantemente a fim de garantir um processo de ensino e aprendizagem com qualidade global para educadores e aluno.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Ontem e hoje no ensino de línguas no Brasil. In: STEVENS, Cristina Maria Teixeira; CUNHA, Maria Jandira Cavalcanti. **Caminhos e colheita: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil**. Brasília: EDUnB, 2003. p. 19-34.
- BAGNO, Marcos. **A inevitável travessia da prescrição gramatical à educação linguística**. Língua materna: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/Pibidletrasufal/marxismo-e-filosofiadalinguagem>>. Acesso em: 22 de agosto 2018.
- BARBOZA, Cátia A. V. **A Lingüística Aplicada e o professor de língua inglesa: Novas formas de pensar a prática pedagógica**”. Revista Científica Semioses - UNISUAM, nº 5, 2009. Disponível em: <<http://www.unisuam.edu.br/semioses/>>. Acesso em: 22 de agosto 2018.
- BLANCO, Juliana. **A avaliação de língua inglesa no ENEM: efeitos de seu impacto social no contexto escolar**. 213.132f. (Dissertação de Mestrado) - Unidade Federal de São Carlos: UFSCar, São Paulo, 2013.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf)>. Acesso em: 13 de agosto 2018.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Matriz de Referência para o ENEM 2009**. Brasília: INEP/MEC, 2009.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 13.415, 13 de fevereiro de 2017. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm)>. Acesso em: 13 de agosto 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2006, v. 1. OCEM.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio/** Ministério da Educação, Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.360 p.: il.

CARVALHO, Maria do Carmo B.; NETTO, José Paulo. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. São Paulo: Cortez, 1994.

ESPÍRITO SANTO (Estado). Secretaria da Educação. **Currículo Básico Escola Estadual; área de Linguagens e Códigos /** Secretaria da Educação – Vitória: SEDU, 2009, v. 01.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

JUNGER, C. S. V. **Reflexões sobre o ensino de E/LE no Brasil: propostas governamentais, formação docente e práticas em sala de aula**. In: Anuario brasileiro de estudios hispánicos. XV. Brasília, 2005.

LEFFA, V. (org). **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão**. Pelotas. EDUCAT, 2008.

\_\_\_\_\_. **Criação de bodes, carnavalização e cumplicidade: considerações sobre o fracasso da LE na escola pública**. In: Lima, D. C. de (org.). **Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares**. p. 15-31. São Paulo: Parábola Editorial.

\_\_\_\_\_. Preface. In: FINARDI, Kyria Rebeca (Org.). **English in Brazil: views, policies and programs**. Londrina: Eduel, 2016. p. 7-11.

MORAN, José Manuel. **Mudar a forma de ensinar e aprender**. JM Moran - Informática na educação: teoria & prática, 2000. Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias\\_educacao/uber.pdf](http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_educacao/uber.pdf)>. Acesso em: 22 de agosto 2018.

OLIVEIRA, R. A. de (2011). **A matrix da LE no Brasil: a legislação e a política do fingimento**. In: Lima, D. C. de (ed.). **Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares**. p. 67-78. São Paulo: Parábola Editorial.

PERIN, Jussara. O. R. Ensino/aprendizagem de língua inglesa em escolas públicas: o real e o ideal. In: GIMENEZ, T.; JORDÃO, C. M.; ANDREOTTI, V. (Org.). **Perspectivas Educacionais e ensino de inglês na escola pública**. Pelotas: EDUCAT, 2005. p. 143-157.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. 2002. Disponível em: <[www.someeducacional.com.br/palestras/Vygotsky.pdf](http://www.someeducacional.com.br/palestras/Vygotsky.pdf)>. Acesso em: 22 de fevereiro 2018.